Uma experiência com a diversidade: crianças deficientes...crianças eficientes...educadores
Uma experiência da inclusão reversa com pares tutores auxiliares de aula

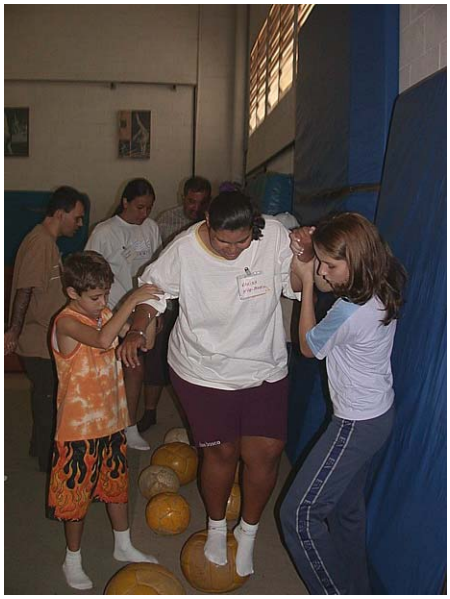
Nossa equipe com o primeiro grupo de tutores do Koelle.
Competição e responsabilidade num jogo cooperativo onde todos os participantes têm tantos níveis de habilidades diferentes: esta é o verdadeiro desafio do professor da escola inclusiva

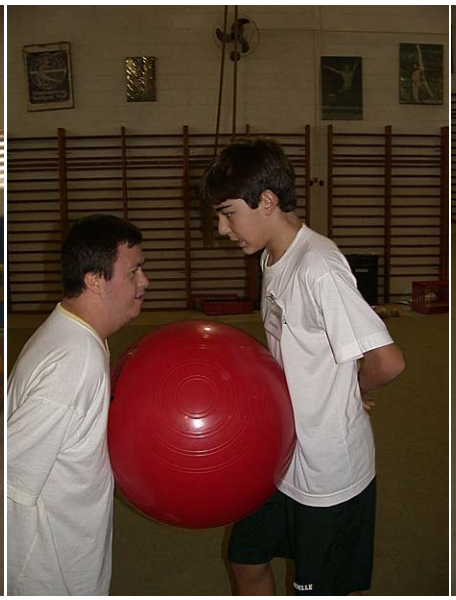
Coordenar atividades selecionadas dentro de um planejamento cujas metas devem ser rigorosamente atingidas e incluir os esforços de tutores em processo de aprendizagem como elementos do processo educacional é uma competência fundamental a se atingir no processo de capacitação como professor. Num primeiro momento do contexto inclusivo, o professor deve aproveitar o momento de socialização estabelecido naturalmente entre alunos com deficiência e tutores com um propósito construtivo e, sem desmontar o vínculo motivacional de ambas as partes direcionar a percepção de ambos aprendizes para a meta de momento. Por exemplo, ao mesmo tempo que um tutor aproveita a "curtição" de uma correria num aquecimento junto com seu amigo ou mesmo grupo de alunos com deficiência, ele deve ser sensível para detectar elementos de segurança, de aproveitamento na atividade e proporcionar um contexto favorável para ambas as partes.
A orientação cooperativa é um ótimo exercício para se testar a atenção do tutor sobre o nível de participação de seu par e percepber outros pares que estão ou não engajados produtivamente na atividade. Regras simples e muitas vezes ação limitada pelo contato coporal (figura ao lado) ou material (figura abaixo) podem tornar o grupo cooperativo ao mesmo tempo que aproveita o elemento desafiador da competição. Afinal, não queremos deixar uma aula de educação física adaptada um tédio.

Estes contextos são instrutivos para o professor resgatar a sua percepção sobre a turma. Existe uma relação dinâmica de aproveitamento grupal que é restrita pelo objetivo da tarefa. Restrições adicionais com o uso de um material/objeto coletivamente manipulado estimula não só a percepção de um aluno sobre o outro mas a consequência de ambas as suas ações. Por exemplo, quando vários alunos puxam um paraquedas ou lençol cheio de objetos no centro eles trocam, na correria, impressões sobre resistências não-uniformes, acelerações, espaçamento entre as pessoas e a composição do trajeto (livre ou impedida por obstáculos).

O professor pode estimular individualmente seus tutores a perceberem o desempenho de seus pares quando realizando tarefas como ultrapassar ou equilibrar-se sobre obstáculos. Ao encaminhar o colega na tarefa, o tutor experimenta as limitações do corpo em movimento do outro. O professor deve alertar não só para aspectos de segurança, mas manobras físicas que facilitam a independência do aluno com deficiência.

À medida que ambas as partes evoluem em tarefas unilaterais, como se observa tipicamente nos exercício em formato de circuito, ambos, alunos e tutores, podem executar juntos as tarefas ligados pelo contato corporal ou material como cordas, ou bolas.





Para o professor que instrui esta relação tutor-aluno com deficiência, é importante enfatizar a comunicação constante entre ambas as partes. Ainda, a repetição do gesto deve ser acompanhada pelo cuidadoso relato ou ensaio verbal do que se está executando. Para crianças com dificuldades de atenção como na deficiência mental, a repetição gesto é vazia se não for coordenada com a descrição simultânea do que se está fazendo.

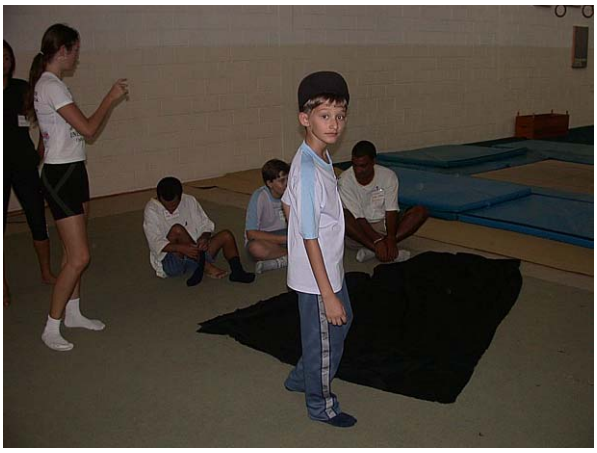
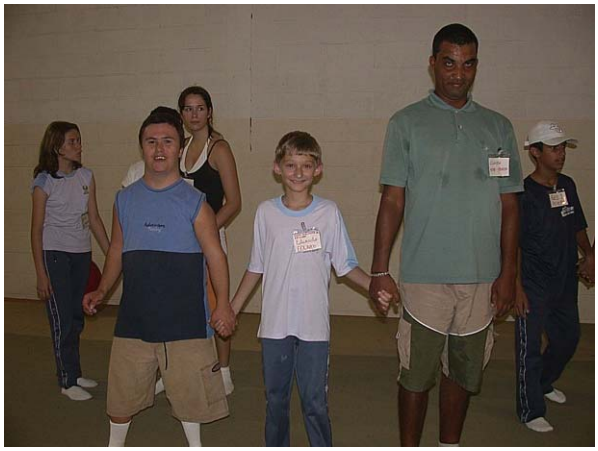
Este tipo de relacionamento verbal com o gesto na instrução e no *feedback* é especialmente importante para a crianca com autismo pois dá a noção de previsibilidade da tarefa. Neste caso aconselhamos a rígida contagem das tentativas e a manutenção de um ritmo temporalmente invariante. Com a criança autista é importante encorajar o tutor a aceitar os estilos de comunicação e vínculos sociais diferenciados para não criar um sentimento de frustração entre as partes. Explicar honestamente as limitação da criança com autismo é a melhor saída pois desafia o tutor a notar detalhes antes sem significado para ele. Por exemplo, a partir de movimentos co-ativos pelo tutor (o tutor se posiciona por detrás da criança autista e

dirige os movimentos em sua amplitude e ritmo) uma relação de esforço háptico—noções táteis dinâmicas que evoluem da exploração—acaba acontecendo entre os dois corpos em contato. Desta relação háptica, tutor e criança trabalham como um só ser. É uma oportunidade rara para o professor discutir quais as impressões notadas pelo tutor durante movimentos co-ativos. Por exemplo, comumentemente o tutor nota como o ritmo temporal (contar em voz alta de 1 a 10, sempre emparelhando a contagem com o gesto) facilita a execução da aterafa diminuindo a imposição de seus movimentos sobre a criança autista.

As instruções dadas pelo professor durante a execução de tarefas orientadas pelos tutores devem apontar não só para os objetivos da tarefa, mas para a maneira como a criança com deficiência realiza a mesma. Por exemplo, apresentar a criança para o tutor e vice-versa cria um vínculo imediato de amizade e responsabilidade mútua. O conhecimento adquirido pelo tutor sobre as características de uma deficiência como por exemplo, a deficiência mental profunda, permite o mesmo entender princípios de segurança e do desenvolvimento da criança. A busca por este conhecimento é inicialmente motivada pela curiosidade (muitos tutores perguntam: “O que ela tem?” ou “Por que ele ficou assim?”). No decorrer da experiência, tal conhecimento evolui para preocupações e atitudes altruístas para com o outro. Muitos tutores relatam, satisfeitos, as conquistas de seu par numa aula. Desaconselhamos encorajar sentimentos de pena ou super-proteção. Isto é mais difícil mas, à medida que a criança se familiariza com seu par, estes sentimentos acabam se tornando secundários ou não-importantes na relação.

É importante também dar oportunidades de um vínculo equilibrado nesta relação aluno-tutor. Ou seja, na medida em que a criança com deficiência adquire autonomia, ambos devem partilhar de metas comuns dentro de uma aula. Este é o princípio da cooperação.

Eventualmente tutores podem desafiar a coragem e independência de seus pares através de atividades de competição entre todos, mudando de vínculo cooperativo para vínculo individualista. O professor pode inserir estes desafios para testar não só a capacidade de independência do aluno deficiente mas também sua tolerância às frutrações. Tutores se comportando como adversários elevam sentimentos de inferioridade no aluno deficientes, especialmente se os primeiros forem imbatíveis. Este contexto pode ser facilitado pelo professor que motiva os alunos com deficiência a superarem sua frustração imediata e procurarem por alternativas viáveis de sucesso na tarefa. A manipulação da taxa de sucesso e fracasso dentro de uma atividade é responsabilidade do professor e deve ser negociada com os tutores. Esta negociação ocorre de forma que oportunidades sejam equilibradas mesmo que intencionalmente, para favorecer o processo de aprendizagem. Por exemplo, uma brincadeira de "queimada" entre tutores e alunos com deficiência pode, à primeira vista, soar injusta. Porém, se bem planejada pode provocar os grupos em seus limites não só funcionais (de habilidades) mas sociais (a visão de que adversário não tem incapacidades; e sim a visão de que o adversário tem que ser derrotado pela competição). Estas oportunidades são boas para inserir: *fair play* no jogo, atenção às regras, desejo de vencer, sentimento de conformação no caso de derrotas, e finalmente, incentivo para tentar novamente noutra oportunidade.

A educação inclusiva que incorpora a estratégia do ensino com tutor-auxiliares leva a um aprendizado dinâmico ente aluno, professor e criança não-deficiente tutor (ou mesmo indivíduo deficiente de habilidade emparelhada como tutor). Este é um contexto educacional valioso que diminui o mistério do aprender. Ainda, estimula todas as partes a reconhecer o valor da diversidade. É o melhor caminho para a amizade, companherismo e o desenvolvimento de um senso de satisfação humana: o de trocar algo com alguém.

KOELLE